

CÂNCER: UM PASSADO A SER MUDADO. UM FUTURO SEM MEDO

1 - RESUMO

A Liga de Oncologia da Universidade de Taubaté, desde 1997, realiza a campanha comunitária de prevenção ao câncer: "Câncer: Um Passado a ser Mudado. Um Futuro sem Medo". Acreditamos que através da propagação de informações sobre o câncer, pode-se romper com os tabus e com o grande estigma que esta doença adquiriu ao longo da sua história. Assim, nas campanhas divulgamos informações sobre a prevenção e o diagnóstico precoce do câncer, buscando interferir com a história natural desta doença e fazer com que as pessoas se sintam mais preparadas para lutar contra aquilo que as amedronta. Oferecemos também, assistencialismo ao paciente através da realização de exame palpatório das mamas, citologia oncótica, inspeção do tegumento e exame de próstata por toque retal. Em todos os exames que são identificadas alterações, os respectivos pacientes são encaminhados para a Fundação Universitária de Saúde de Taubaté onde receberão tratamento adequado, seja este clínico ou cirúrgico. Academicamente, as campanhas se mostram de importância maior na humanização dos estudantes que delas participam, os quais deixam sua realidade, muitas vezes privilegiada, para conhecer a realidade da grande parcela carente da população brasileira. Outro projeto é o Premio Escola que é voltado para crianças do ensino fundamental. Este tem como objetivo incentivar a pesquisa e o estudo do câncer entre os jovens, formando desde cedo uma nova consciência a respeito do corpo, do câncer e da importância da prevenção e do diagnóstico precoce em oncologia.

2 – INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem sido observado um aumento na expectativa de vida do brasileiro e por conseqüência um aumento na incidência e prevalência de doenças crônicas não transmissíveis. Desta forma, os dados de mortalidade do Ministério da Saúde (1998) revelam as doenças cardiovasculares como primeira causa de mortalidade (27,6%), seguida por mortes de causas externas (12,7%) e mortes por neoplasia (11,4%). Dentro das doenças crônicas não transmissíveis, as neoplasias malignas atraem a atenção, por sua alta prevalência, por consumirem grande volume de recursos financeiros, por representarem um grande ônus social e institucional e por sua crescente relevância como causa de morte no Brasil. Assim, considera-se o câncer como um importante problema de saúde pública nacional que pode ter suas implicações reduzidas por meio de ações que possibilitem o diagnóstico precoce e a prevenção, compreendendo promoção à saúde e intervenção nos fatores de risco.

Tendo como princípio que a magnitude do câncer em uma população está relacionada principalmente à idade, aos fatores de risco a que ela se expõe, a qualidade de assistência a ela prestada e a qualidade da informação disponível é que a Liga de Oncologia da Universidade de Taubaté, de forma séria e consciente, porem ainda tímida se considerarmos a dimensão do problema, mobiliza esforços e proporciona eventos que interfiram na história natural do câncer, o qual não deve ser mais encarado como um tabu, mas sim como uma realidade passível de intervenção.

3 - A Liga de Oncologia

Trata-se de um grupo estudantil, sem fins lucrativos, fundado e dirigido por acadêmicos do curso de graduação em medicina vinculado a Universidade de Taubaté, situada no Vale do Paraíba. Fundada em 1997, a Liga de Oncologia tinha como proposta inicial congregar estudantes com interesse em oncologia clínica e cirúrgica, promover cursos anuais de atualização em oncologia, incentivar e proporcionar aos seus membros iniciação científica e interagir com a comunidade.

Dotada de Estatuto próprio, a Liga de Oncologia é de gestão anual tendo sua comissão executiva eleita pelos membros efetivos que a compõe. A admissão de novos membros é feita através do Curso Anual de Iniciação à Liga de Oncologia, seguido de prova de conhecimentos técnicos e entrevista. Estes, são integrados ao grupo e recebem aulas e orientações sobre nossas atividades, sendo preparados para exercerem suas funções em nossos eventos, durante os quais os mais experientes tutelam os mais novos para que estes possam desenvolver suas habilidades.

A Liga de Oncologia busca modelos, apoio e patrocínio para as suas ações através de parcerias. As relações nacionais se dão com a Fundação Oncocentro, com o Comitê de Ensino de Oncologia nas Escolas Médicas do Estado de São Paulo e com a Coordenadoria de Ensino e Divulgação Científica do Instituto Nacional do Câncer (Projeto de Integração Docente-Assistencial em oncologia). Internacionalmente, há relações com o Hospital Universitário de Gronigen - Holanda, que é coordenador do ensino em oncologia nos cursos de graduação médica em todo o mundo sob os auspícios da Organização Mundial de Saúde, e com a Divisão de Ensino da União Internacional de Combate ao Câncer - Genebra. Por fim, desde 2001, a Liga de Oncologia conta com o apoio do Instituto General Motors de Pesquisa.

O objetivo da Liga de Oncologia é exercer de forma completa e imparcial um papel transformador da sociedade que possa trazer benefícios para esta e para a formação e capacitação de médicos conscientes do seu papel social, sobretudo frente a comunidades carentes. Acreditamos que ações educacionais, organizadas, simples e de baixo custo possam construir uma sociedade melhor.

4 – Ações

A Liga de Oncologia realiza o Prêmio Escola e campanhas comunitárias de prevenção ao câncer de pele, pulmão, próstata, mama e colo uterino, sendo estas educacionais e assistencialistas.

4.1 - As Campanhas Comunitárias de Prevenção ao Câncer

4.1.1 - Descrição: As campanhas ocorrem nos diferentes municípios que compõem o Vale do Paraíba, dando-se prioridade a comunidades carentes. Os locais das campanhas são definidos anualmente e dependem do apoio da prefeitura local. São realizadas entre 5 e 10 campanhas por ano, sempre aos sábados, nas Unidades Básicas de Saúde, com duração de dez horas cada. O objetivo das campanhas é oferecer a população informações de prevenção e diagnóstico precoce do câncer. Isto é alcançado através de grupos de discussão compostos por até 15 pessoas da comunidade e por acadêmicos que ministram aulas ilustradas por recurso visual de fácil compreensão. Durante e após as aulas, os

participantes podem fazer perguntas e esclarecer dúvidas. Caso o popular necessite, terá atenção individual. Há ainda, um grupo de acadêmicos que discute tabus em oncologia, buscando a desmistificação do câncer. Quanto ao assistencialismo, este se dá na forma de exame de citologia oncológica e exame de inspeção e palpação das mamas para as mulheres, exame de próstata por toque retal para os homens e exame de inspeção do tegumento para ambos os sexos. Os exames são realizados apenas naqueles que desejarem e que tenham participado das aulas. Toda alteração apreciada em qualquer um dos exames, que mereça maior atenção, receberá o respectivo paciente encaminhamento à Fundação Universitária de Saúde de Taubaté para que tenha acesso a tratamento adequado. Além do enfoque em oncologia, os acadêmicos dão atenção a todas as necessidades em saúde dos pacientes e se necessário, estes, também são encaminhados para a Fundação Universitária de Saúde de Taubaté para que recebam tratamento. A grande parte da população apresenta problemas simples, porém devido à precária assistência primária à saúde, estes se cronicizam e passam a ser um grande empecilho.

A relação direta entre o acadêmico e a população é enriquecedora para ambos e para a melhoria da relação médico-paciente, tão desgastada atualmente pela execução de uma medicina massificada e não holística. O acadêmico desenvolve habilidade de falar em público, de expressar seu conhecimento técnico de forma acessível aqueles de baixa cultura, de trabalhar em grupo com responsabilidade sobre suas ações e presencia a dificuldade de acesso à saúde, à cultura e as péssimas condições de vida que se encontra a maior parte da população brasileira, mas sente que pode ser um agente modificador desta realidade.

4.12 - Evolução: Quando as campanhas se iniciaram, em 1997, elas eram apenas educativas, participavam aproximadamente 15 acadêmicos por campanha e o material de exposição era elaborado em cartolinas. Em 1998, iniciaram-se as atividades assistencialistas, mantendo-se o mesmo formato das aulas. Os pacientes eram atendidos em fichas de papel, sem que se fosse feita uma investigação completa e sistematizada dos aspectos sociais, dos fatores de risco, da história familiar e dos sinais e sintomas clínicos para os cânceres em questão em cada atendimento. Não havia controle dos encaminhamentos feitos para a Fundação Universitária de Saúde de Taubaté e sobre o seguimento destes pacientes. Nos 2 anos seguintes, todo este sistema de atendimento se manteve. Em 2001, a Liga de Oncologia estabeleceu relação de patrocínio com o Instituto General Motors de Pesquisa, o qual persiste no ano de 2002. Inicialmente, se investiu na parte educativa com a elaboração de material visual de ótima qualidade para ilustrar as aulas, treinamento dos alunos e extensão no número de exames realizados, mantendo-se a mesma forma de atendimento. Passaram a participar entre 30 e 40 acadêmicos por campanha. Em 2002, visando uma sistematização do atendimento, fácil manipulação das informações e dos resultados de exames obtidos em campanhas, além do controle dos encaminhamentos e seguimento dos pacientes, foram elaborados prontuários eletrônicos para o câncer de colo uterino, próstata e mama. Isto possibilitou melhor qualidade no atendimento e a utilização dos dados obtidos em campanhas para a iniciação científica dos alunos da Liga de Oncologia. Ainda em 2002, atendendo a pedidos da população para que outras doenças fossem abordadas

em aulas, a Liga de Oncologia se coligou a Liga de Cardiologia que está ministrando aulas sobre prevenção e fatores de risco para as doenças do aparelho cardiovascular que sejam de interesse em saúde pública, além de esclarecer as dúvidas dos populares.

Para o futuro, pretendemos nos coligar a outras Ligas da Universidade de Taubaté para que outros assuntos sejam explorados ampliando a parte educativa e o assistencialismo prestado, adaptar perfeitamente os prontuários eletrônicos ao atendimento, estender o número de atendimentos e realizar PSA para todos os paciente em investigação de doença prostática. Além disso, queremos estender nossa cobertura para fora do Vale do Paraíba, o que já será feito em 2003 com a realização de 1 campanha do sul de Minas Gerais e outra no centro-oeste do Estado de São Paulo.

4.13 - Avaliação: A avaliação da opinião dos participantes de uma campanha foi realizada, pela primeira vez em 2002. O município escolhido foi Campos Novos e isto se justifica por ser um local em que parte da nossa clientela já participou de campanhas passadas. Isto permite que seja analisada a qualidade das campanhas anteriores, da atual campanha, definir se houve melhora ou piora do serviço ao longo do tempo e conseqüentemente definir metas para o futuro. Foram feitos grupos de até 5 populares com 2 acadêmicos mediadores. Quando discutimos sobre as aulas com os populares que estavam participando pela primeira vez de uma campanha, estes relataram grande satisfação por terem acesso a informações sobre câncer e de poderem estar esclarecendo dúvidas. Através de perguntas dirigidas sobre temas abordados nas aulas, procurou-se avaliar o aproveitamento e a retenção das informações transmitidas. Notou-se que a grande maioria sabia realizar o auto-exame das mamas, analisar uma lesão tegumentar e suspeitar ou afastar malignidade, prevenir o câncer de pele, dizer quais são e como identificar sinais e sintomas de prostatismo, referir o que é câncer de colo uterino e qual a importância da citologia oncológica para sua prevenção. Além disso, os participantes referiram que serão divulgadores destas informações para outros membros da comunidade, principalmente familiares e vizinhos. Ao conversar com pessoas que já tinham participado de campanhas anteriores e ainda não tinham passado pela campanha em questão, procurou-se analisar qual foi o grau de retenção do conteúdo das aulas após um período mínimo de 1 ano. Ficamos satisfeitos em saber que o conhecimento deste popular é semelhante ao do popular participante da campanha em questão. Verificou-se que os populares tinham divulgado as informações e que as praticam no seu dia a dia. Com isso, alcançamos parte do nosso objetivo que é a desmonopolização do saber médico, permitindo que a população conheça seu corpo. Deficiências foram notadas e entre elas merece destaque a queixa que outros temas de interesse em saúde pública poderiam ser abordados em aulas, além da extensão da atividade assistencialista.

4.14 - Números: Até a presente data foram realizadas aproximadamente 30 campanhas, com cerca de 6.000 pessoas atendidas e 500 encaminhamentos para a Fundação Universitária de Saúde de Taubaté. Anteriormente ao ano de 2002, a Liga de Oncologia não possuía prontuários eletrônicos, não havendo sistematização na coleta dos dados e controle adequado sobre estes. Por este motivo, o perfil que será mostrado a seguir refere-se apenas as 5 campanhas

realizadas entre janeiro e agosto de 2002. Os municípios visitados foram: Lagoinha, Campos Novos, Cunha, Lorena e Areias. Os dados serão expostos de forma descritiva, apesar de ser possível inter-relacionar todas as variáveis. Além disso, apenas os dados mais significativos em relação aos aspectos sociais serão mostrados e alguns dados dos exames e investigações clínicas. Foram realizados 355 exames de citologia oncológica, média de 71 por campanha. A idade média das pacientes foi de 41,28 anos, com desvio padrão de 14,69. A renda familiar média, em salários mínimos, foi de 1,75 e o desvio padrão de 1,45. Quanto a escolaridade, 42 mulheres (11,83%) eram analfabetas, 216 (60,85%) tinha o primeiro grau incompleto, 34 (9,57%) o primeiro grau completo, 24 (6,76%) o segundo grau incompleto, 33 (9,29%) o segundo grau completo e 6 (1,70%) o terceiro grau completo. Cento e três (29,00%) mulheres eram da zona rural e 252 (71,00%) da zona urbana. A idade média de menarca foi aos 12,96 anos, sendo o desvio padrão 2,12. A primeira relação sexual ocorreu em média aos 18,72 anos de idade, com desvio padrão de 4,59. As pacientes tiveram uma média de 3,91 gestações, com desvio padrão de 3,56. Em relação ao número de parceiros sexuais ao longo da vida, 3 (0,84%) mulheres eram virgens, 241 (67,88%) tiveram apenas 1 parceiro, 62 (17,46%) 2 parceiros, 23 (6,50%) 3 parceiros, 22 (6,20%) de 4 a 10 parceiros e 4 (1,12%) entre 10 e 30 parceiros. Quando interrogadas sobre doenças em mãe, irmã ou filha, 11 mulheres (3,10%) tinham história de câncer de colo uterino, 14 (3,94%) história de câncer de mama e 26 (7,32%) história de qualquer outro câncer. A média do tempo da última consulta com o ginecologista foi de 26 meses, sendo que 72 (20,28%) mulheres nunca tinham feito o exame de citologia oncológica e 283 (79,72%) já tinham feito-o. Quanto ao tempo decorrido do último exame, 120 (42,41%) mulheres tinham feito-o a menos de 1 ano, 75 (26,50%) entre 1 e 2 anos, 42 (14,84%) entre 2 e 3 anos, 46 (16,25%) a mais de 3 anos.

Foram realizados 119 toques retais para exame da próstata, média de 23,8 por campanha. A idade média dos homens foi de 56 anos, com desvio padrão de 10,33. A renda familiar média, em salários mínimos, foi de 1,80 e o desvio padrão de 1,45. Quanto a escolaridade, 22 homens (18,48%) eram analfabetos, 79 (66,38%) tinha o primeiro grau incompleto, 8 (6,72%) o primeiro grau completo, 4 (3,36%) o segundo grau incompleto, 4 (3,36%) o segundo grau completo e 2 (1,70%) o terceiro grau completo. Cinquenta e seis (47,05%) homens eram da zona rural e 63 (52,95%) da zona urbana. Treze (10,92%) homens tinham história de câncer de próstata em pai, irmão ou filho. Quanto a exames anteriores, 96 (80,67%) nunca fizeram o PSA e 98 (82,35%) nunca fizeram o toque retal. Dos que já fizeram PSA, 23 (19,32%), 15 (65,22%) fizeram o exame a menos de 1 ano, 5 (21,74%) entre 1 e 2 anos e 3 (13,04%) a mais de 3 anos. Dos que já fizeram toque retal, 21 (17,64%), 5 (23,80%) homens fizeram o toque a menos de um ano, 3 (14,30%) entre 1 e 2 anos, 3 (14,28%) entre 2 e 3 anos e 10 (47,62%) a mais de 3 anos. Quanto aos dados obtidos no exame, em relação à consistência, 8 (6,72%) casos a próstata estava difusamente endurecida e 10 (8,40%) casos havia áreas endurecidas isoladas no tecido prostático. O volume glandular estava aumentado em 27 (22,69%) casos, os limites eram imprecisos em 10 (8,40%) casos e a superfície eram irregular em 10 (8,40%) casos.

4.2 - O Prêmio Escola

4.21 - Descrição: O Prêmio Escola é um concurso entre as escolas do ensino fundamental do Vale do Paraíba. Sua primeira edição foi em 1998 e este é anual. Já participaram cerca de 50 escolas e aproximadamente 500 alunos. A escola que deseja participar inscreve-se na Delegacia de Ensino do seu município e deve ter um grupo de até 5 alunos, responsáveis pelo trabalho e orientados por um professor, que irão elaborar um trabalho escrito versando sobre câncer, sendo livre o aspecto a ser abordado. Os trabalhos são analisados pelos membros da Liga e os melhores 5 trabalhos são selecionados para que, em sessão solene, os grupos exponham de forma artística seus estudos. As apresentações são julgadas por membros da Liga e por professores da Universidade de Taubaté. Os três melhores trabalhos são premiados, sendo a premiação definida anualmente. Nosso objetivo é despertar o interesse pela saúde e pelo câncer nos jovens cidadãos, estimulando a pesquisa e o estudo.

4.22 - Avaliação: Com o interesse de analisar o impacto deste projeto em relação ao aluno, ao docente, à escola e à comunidade foram entrevistados alunos e professores de escolas participantes do Prêmio Escola dos anos de 2000 e 2001. Para os professores, o Prêmio Escola é uma atividade saudável para o aprendizado e o desenvolvimento cultural dos alunos e por isso, eles propõem que seria interessante se a Delegacia de Ensino ou qualquer outro órgão gestor organizasse e executasse outros projetos como este, que estimula o trabalho em grupo, a pesquisa e o estudo. Muitos alunos que estavam desmotivados em freqüentar a escola ou que apresentavam notas ruins nas avaliações bimestrais passaram a não faltar nas aulas e começaram a obter notas melhores, pois encontraram no Prêmio Escola motivação para o aprendizado e a quebra da rotina estudantil clássica que é desestimulante para alguns. A seguir, têm-se declarações que retratam a importância do projeto:

§ Professores: "Falamos sobre os tipos de câncer e como se faz a prevenção. Ensinamos como passar para os pais e colegas fora da escola. É algo muito motivante"; "Na escola fizemos teatros e musicais que foram apresentados para todos os alunos"; "Os alunos aprenderam bastante, houve muita união entre eles. Uns escreveram, outros ensaiaram. A parte da torcida foi algo muito bonito. Isto proporcionou algo que eles não tem no dia a dia" e "Os alunos acabaram se interessando mais pela escola".

§ Alunos: "Jeito prático de ensinar e divertir"; "Câncer a gente mais ou menos sabia. Agora a gente sabe que o câncer é perigoso, mas não tem monstro e tem cura se encontrado no começo"; "É doença como outra que dá pra prevenir"; "Você (referiu-se a Liga) poderia vir mais aqui para conversar com a gente de outras doenças" e "O câncer de próstata deveria ter menos preconceito. O exame (referiu-se ao toque retal) é muito importante".

5 – CONCLUSÃO

Nestes 5 anos de existência, a Liga de Oncologia passou por um intenso processo de evolução e amadurecimento, e hoje, ela presta um serviço permanente a comunidade. Os resultados positivos das nossas ações estão explícitos nos repetidos convites que recebemos para retornar aos municípios já visitados e para visitar novos municípios no Vale do Paraíba, nos convites que estamos recebendo de municípios fora do Vale do Paraíba, nas diversas citações que tivemos em

jornais e revistas locais, nas diversas homenagens que recebemos em sessões solenes em câmaras municipais e o mais importante, na adesão cada vez maior do público as campanhas à procura de orientação e assistencialismo, ainda deficientes na rede básica de saúde. A cada ano, o Prêmio Escola tem um número maior de escolas inscritas, envolve mais crianças e tem trabalhos de melhor qualidade.

Apesar destes resultados, ainda temos muito que oferecer a população carente, mas o mais importante é divulgar nossas ações e incentivar que outros grupos estudantis se formem e realizem um trabalho semelhante a este, no qual a universidade tem um papel modificador na sociedade que se insere. Por fim, temos o ideal que ações educacionais e assistenciais organizadas, simples e de baixo custo podem construir uma sociedade melhor. Só precisamos acreditar nisso e trabalhar.

6 - A Palavra do Orientador
Seria fácil para mim, como médico e educador, relatar as virtudes científicas e assistenciais da Liga de Oncologia da Universidade de Taubaté, o quanto ela é respeitada pela comunidade acadêmica e querida pela sociedade vale paraibana. Seria fácil dizer sobre a caridade do nosso trabalho, que é voltado para os menos favorecidos, atingindo assim o papel social de educar e assistir a população, estendendo o conhecimento acadêmico através da humanização do ato médico. O difícil é falar e mensurar o amor e a bondade que a liga tem em todas as suas áreas de atuação. É difícil relatar a emoção que um acadêmico da graduação médica tem ao entrar em contato com aquele irmão carente, gente como ele, que os frios laboratórios e as exaustivas aulas magistrais não revelaram. É gratificante perceber a evolução e o amadurecimento dos alunos que se tornam mais sensíveis e menos indiferentes a realidade do paciente que procura não só a cura da doença do corpo, mas também da alma, através da atenção, do sorriso e da ajuda coletiva. Assim, um exaustivo sábado de campanha não é nada diante da alegria e da sensação de dever cumprido que vejo estampados nos rostos dos alunos. A alegria que sinto só se compara a de um pai que vê o seu filho andando pela primeira vez. Uma alegria infinita que invade a alma e revigora o corpo e o espírito.

FICHA TÉCNICA:

Professor Responsável pelo Projeto: Dr. Flávio Luiz Lima Salgado
Professor Colaborador Assistente e Responsável pela Disciplina de Oncologia do Curso de Graduação em Medicina da UNITAU
Ex-Presidente do Comitê de Ensino de Oncologia das Escolas Médicas do Estado de São Paulo - 2000.

Presidente da Liga de Oncologia: Luís Gustavo Capochin Romagnolo
Acadêmico do Quarto ano da Graduação em Medicina da UNITAU

Autor Responsável pelo Projeto: Sergio Antônio Pulzi Júnior
Acadêmico do Quinto ano da Graduação em Medicina da UNITAU

Membros da Liga de Oncologia da Universidade de Taubaté
Acadêmicos do Segundo Ano: Camila Dombroski Redondano, Daniela Machado de Carvalho, Denise de Alvarenga, Jaqueline Yamamoto, Mariana Perroni de Oliveira, Tatiana Paes de Barros Bottiglieri, Vinicius Eduardo D'Andréa.

Acadêmicos do Terceiro Ano: Catarine Mayra Padoveze, Jordanna Maria Pereira Bergamasco, Juliana Gaiote, Marcela Pezzoto Laurito, Maria Fernanda de Oliveira, Priscila Victória Faraboti, Thaiz Santos Ochôa.
Acadêmicos do Quarto Ano: Ana Carolina Costa Moreira, Claudia Pacheco de Ângelo, Felipe Cauduro Salgado, Gilberto Chavarria, Gislaine Ono, Luciana Figueira Pegorer, Luis Gustavo Capochin Romagnolo, Marco Aurelio Buzetti Andrade, Melina Ribeiro Brigato, Mirella Martins Fazzito, Poliana Cristina Carmona, Priscila Michelin Novais.
Acadêmicos do Quinto Ano: Ana Carolina Duarte da Matta, Elisângela Calheiro dos Santos, Fabiano Latrilha Reis, Gilberto Walter Nogueira Arenas, Gustavo Rocha Göpfert, Hariem da Silva Gallina, Karina Hernandez Kaleare, Rafael Demarchi Malgor, Sérgio Antônio Pulzi Júnior.
Acadêmicos do Sexto Ano: Ana Cristina Velloso Caluza, André Girardi Vieira, Carlos Eduardo Azevedo Ferretti, Fernanda Podboi, Fernanda Yumi Sakamoto, João Paulo Neves, Márcia Lanzoni de Alvarenga, Renata Aparecida de Souza Pinto, Renata Aparecida Servidoni.